

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

BEATRIZ PIRES DE ANDRADE

**O CONDENSADOR SOCIAL E A CASA COMUNAL NA ARQUITETURA
SOVIÉTICA DOS ANOS 1920 A 1930**

João Pessoa,
2021

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de compreender as narrativas da historiografia sobre a ideação dos condensadores sociais e implementação da casa comunal no contexto da arquitetura soviética dos anos 1920 a 1930. Tendo essa arquitetura como principal objeto de estudo, o trabalho faz um recorte da atuação dos construtivistas, com foco nos condensadores sociais e entre estes, na casa comunal. A metodologia tem como base a revisão bibliográfica de alguns manuais da arquitetura e do urbanismo modernos e outras publicações complementares. Assim, foi analisado como cada autor construiu sua narrativa e quais conceitos e informações foram citados ou omitidos e, a partir disso, buscou-se desenvolver uma comparação entre temas, de modo que a história da arquitetura soviética também fosse contada a partir do confronto das ideias presentes nos manuais. O trabalho foi dividido em dois capítulos, de modo que, o primeiro tem o propósito de apresentar e comparar a narrativa dos historiadores sobre a arquitetura soviética, com ênfase no contexto pós revolucionário, nas discussões levantadas pelos construtivistas e conceituação dos condensadores sociais; enquanto o segundo capítulo destaca o processo de discussão e implementação da casa comunal.

Palavras-chave: Soviética. Construtivismo. Condensador. Habitação. Comunal.

ABSTRACT

This research aims to understand the narratives of historiography about the ideation of social condensers and the implementation of the communal house in the context of Soviet architecture from the 1920s to the 1930s. Having this architecture as the main object of study, the work outlines the work of constructivists, focusing on social condensers and among these, on the communal house. The methodology is based on a literature review of some manuals on modern architecture and urbanism and other complementary publications. Thus, it was analyzed how each author constructed their narrative and which concepts and information were cited or omitted, and, based on that, we sought to develop a comparison between themes, so that the history of Soviet architecture was also told based on the confrontation of ideas present in the manuals. The work was divided into two chapters, so that, the first has the purpose of presenting and comparing the narrative of historians about Soviet architecture, with an emphasis on the post-revolutionary context, on the discussions raised by constructivists and the conceptualization of social condensers; while the second chapter highlights the process of discussion and implementation of the communal house.

Keywords: Soviet. Constructivism. Condenser. Housing. Communal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	7
2. A IDEAÇÃO DOS CONDENSADORES SOCIAIS NO CONTEXTO PÓS REVOLUÇÃO.....	10
3. A IMPLEMENTAÇÃO DA CASA COMUNAL.....	16
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Proposta de Andréi Ol, Konstantín Ivánov e Anatoli Ladinsky para o Concurso da “Nova residência” convocado pela OSA.....	18
Figura 2: Proposta de Moisei Ginzburg para o Concurso da “Nova residência” ..	18
Figura 3: Proposta das residências Stroikom de Ginzburg e outros, 1928.....	19
Figura 4: Edifício Narkomfin, arquitetos Moisei Ginzburg e Ignati Milinis, Moscou, 1928-30.....	20
Figura 5: Plantas do apartamento de tipo F e K apresentadas por Benévolo (2001).....	21
Figura 6: Plantas do apartamento de tipo F e K apresentadas por Hernández (2014).....	22
Figura 7: Plantas e seções do apartamento de tipo F apresentadas por Curtis (2008).....	22
Figura 8: Corte do bloco residencial do Edifício Narkomfin.....	23
Figura 9: Vista externa do Edifício Narkomfin.....	23
Figura 10: “Casa-Comunal”, no bulevar Gogol em Moscou, 1928/1929.....	25

1. INTRODUÇÃO

Num contexto pós Revolução de 1917, a vanguarda russa¹ tinha como objetivo além de contribuir para a transformação das estruturas políticas e econômicas do país, revolucionar as maneiras de habitar e provocar uma “reconstrução do modo de vida” que deixasse para trás a injustiça e dureza da vida passada (HERNÁNDEZ, 2014). Por esta razão, a integração dos problemas sociais à arquitetura e ao urbanismo é considerada como sua principal originalidade (KOPP, 1990).

Mas, ademais da questão social, a linguagem arquitetônica desenvolvida pelos construtivistas², com seu discurso sobre a racionalização e o método funcional, desempenhou um importante papel dentro do movimento moderno, expandindo os limites territoriais. Curtis (2008), por exemplo, coloca que, “por 1927, a arquitetura soviética era bem conhecida nas publicações europeias, e havia um trânsito regular de ideias de um lado para outro” (idem, p. 209). No entanto, na historiografia, a Europa ocidental ainda se mantém no centro das discussões sobre o modernismo.

Em relações às produções de pesquisas nacionais, esse foco na arquitetura ocidental também é perceptível ao realizar uma busca nos bancos de dados de dissertações e teses das principais universidades do país³. Mais especificamente no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB, analisando as ementas das disciplinas de história, é possível perceber o espaço reduzido que é dedicado ao estudo da arquitetura russa. Das disciplinas voltadas à Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, apenas uma delas, História da Arquitetura e Urbanismo III, que trata do “estudo da produção e estruturação da arquitetura e da cidade moderna”⁴, pode abordar as questões soviéticas, a depender do planejamento do docente.

¹ As primeiras ações da vanguarda arquitetônica se enquadram no movimento construtivista, já florescente das artes plásticas (ARGAN, 1992). Além do construtivismo, desde os primeiros anos do século se delinearão movimentos de arte abstrata na Rússia como o suprematismo de Malevich e o raionismo de Larionov e Goncharova.

² Para Alexis Gan, que dotou o Construtivismo de seu texto teórico essencial, o construtivismo constituía uma visão completa de mundo. “Seu livro é um dos primeiros textos teóricos da época soviética que faz uma ligação entre os problemas da criação artística e os colocados pela construção de uma sociedade socialista” (KOPP, 1990, p. 76)

³ Palavras-chaves: construtivismo, condensador, soviética, russa.

⁴ Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2012, p. 69.

Com o intuito de preencher esta lacuna, a arquitetura soviética dos anos 1920 a 1930 se tornou o objeto de estudo deste trabalho. No entanto, assim como Kopp (1990) determina em seu texto, “na medida em que essa relação entre o social e o arquitetônico constituía um dos aspectos específicos da nova arquitetura (...), são construtivistas soviéticos que nos interessam aqui” (idem, p. 75). Dentro da arquitetura desenvolvida pelos construtivistas, o trabalho ainda tem como foco os condensadores sociais, equipamentos cuja utilização tinha por consequência a socialização (idem, p. 98) e que por esta razão seriam a finalidade de todo edifício no contexto de uma nova ordem política na Rússia. Por fim, como recorte da discussão dos condensadores será abordada a casa comunal⁵, tendo em vista que “a habitação sempre fora o refúgio do individualismo e da família no sentido tradicional do termo” (idem, p. 98).

A partir desses recortes, o trabalho tem o objetivo de compreender as narrativas da historiografia sobre a ideação dos condensadores sociais e implementação da casa comunal no contexto da arquitetura soviética dos anos 1920 a 1930. Assim, o trabalho foi dividido em dois capítulos, de modo que, o primeiro tem o propósito de apresentar e comparar a narrativa dos historiadores sobre a arquitetura soviética, com ênfase no contexto pós revolucionário, nas discussões levantadas pelos construtivistas e conceituação dos condensadores sociais; enquanto o segundo capítulo destaca o processo de discussão e implementação da casa comunal.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia do trabalho tem como base a revisão bibliográfica de alguns manuais da arquitetura e do urbanismo modernos e outras publicações complementares. Foram utilizados os livros de Anatole Kopp (1990), William Curtis (2008), Kenneth Frampton (2008), Leonardo Benévolo (2001) e Manuel Martín Hernández (2014). Esses autores foram escolhidos por sua importância dentro da historiografia, já que são referências utilizadas com frequência durante a graduação em arquitetura e urbanismo. Além disso, a seleção destes livros

⁵ Termo referente a *dom kommuna*, como são chamadas as novas residências que desempenhariam o papel de condensadores sociais.

considerou o critério da parte dedicada à arquitetura russa em cada autor e a facilidade de acesso aos textos.

Anatole Kopp (1990) dedica dois capítulos de seu livro à arquitetura soviética. O primeiro deles, intitulado *“A reconstrução do modo de vida na URSS. Dos anos vinte aos anos trinta”*, reflete sobre a correlação entre projeto de sociedade e projeto arquitetônico desenvolvido pelos construtivistas. O segundo capítulo, *“Um meio ambiente para mudar a vida”*, tem como foco a implementação dos condensadores sociais. A discussão é levada até a escala da cidade e no final, como “o Partido e o Estado mudaram de objetivo e a ‘reconstrução do modo de vida’ deixou de estar na ordem do dia” (KOPP, 1990, p. 100).

Kopp é uma das principais referências quando se trata da relação entre a política e arquitetura moderna. O título do seu livro já expõe seu posicionamento: *“Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa”*. O autor ainda possui outras publicações importantes, como o livro *“Town and Revolution; Soviet architecture and city planning, 1917-1935”* (1970), que foi utilizado para definir o conceito dos condensadores sociais.

William Curtis (2008) destina um capítulo do seu livro à *“Arquitetura e revolução na Rússia”*. Curtis inicia o capítulo com a afirmação de que é necessário “suspeitar das simplificações sobre as relações entre ideologia e uso formal” (idem, p.201). A frase pode ser considerada como um prenúncio de que seu texto terá como foco essas relações. Apesar disso, o autor não se aprofunda sobre a questão política e foca mais numa explicação de como os arquitetos da vanguarda tentaram traduzir os ideais revolucionários nas edificações, ou seja, dedicando mais atenção às questões arquitetônicas. Além disso, o autor frequentemente compara a arquitetura soviética com a desenvolvida pelos arquitetos ocidentais, em especial Le Corbusier.

O capítulo de Frampton (2008) intitulado *“A nova coletividade: arte e arquitetura na União Soviética, 1918-32”* reflete o enfoque do texto: a arte. O autor se dedica a explicar os movimentos de vanguarda pré-revolucionários e como as vertentes influenciaram as organizações pós 1917. Frampton também não se debruça sobre as questões políticas ou de reconstrução do modo de vida.

Leonardo Benévolo (2001) fala sobre “*A União Soviética*” numa seção do capítulo sobre “*O compromisso político e o conflito com os regimes autoritários*”. Como o título sugere, o texto aborda as relações entre o Estado e a arquitetura que a vanguarda pensava desenvolver. O autor cita informações históricas do período – como as leis promulgadas pós revolução e dados sobre produção agrícola, da indústria e construção civil – que são importantes para contextualizar as dificuldades enfrentadas na economia e atuação dos dirigentes, por exemplo.

Hernández (2014), por sua vez, apresenta muitas informações sobre o processo de implementação das casas comunais. O livro não é considerado um manual pois tem um recorte muito específico da historiografia da arquitetura moderna, qual seja: a discussão da casa moderna. No entanto, esta referência tem uma importância dada as informações detalhadas sobre os projetos arquitetônicos. O autor dedica à arquitetura soviética o capítulo chamado “*Dois investigações sobre habitação coletiva*”⁶. Entre os demais autores, Hernández é o que mais apresenta informações e imagens sobre os projetos, o que facilita o entendimento sobre as soluções arquitetônicas utilizadas.

Assim, foi analisado como cada autor construiu sua narrativa e quais conceitos e informações foram citados ou omitidos. Assim, o trabalho buscou desenvolver uma comparação entre temas, de modo que a história da arquitetura soviética também fosse contada a partir do confronto das ideias presentes nos manuais.

Nesse sentido, os principais tópicos que guiaram o capítulo 1 foram: o contexto pós revolucionário; a reconstrução do modo de vida; a arte de esquerda; a diferença entre atuação da OSA e ASNOVA; as discussões levantadas pelos construtivistas; os condensadores sociais. A narrativa do capítulo 2, por sua vez, fundamentou-se nos seguintes temas: as publicações da SA; os concursos de habitações; o Narkomfín; as supercomunais.

⁶ Texto original: “*Dos investigaciones en vivienda colectiva*”.

2. A IDEAÇÃO DOS CONDENSADORES SOCIAIS NO CONTEXTO PÓS REVOLUÇÃO

Apesar das diferentes abordagens sobre a arquitetura soviética, a ideia dos condensadores sociais é comumente citada entre os textos na medida em que estes representam uma das principais contribuições da arquitetura do período pós Revolução de Outubro de 1917. A vanguarda russa, acreditando na transformação social através da organização do espaço (KOPP, 1990), idealizou esse novo tipo de edificação, “uma estrutura construída que agiria sobre os seus utilizadores, os habitantes do novo modo de vida, e aceleraria sua mutação em direção a um objetivo proclamado inúmeras vezes: ‘o homem novo’” (idem, p. 95).

Esse homem novo fazia parte do Projeto Socialista, que tratava de dar ao povo russo uma cultura nova em harmonia com a revolução política e econômica (KOPP, 1990). Segundo Kopp (1990), o conceito de “cultura do modo de vida”, de “reconstrução do modo de vida” será a base da maior parte das pesquisas dos anos vinte, já que, como é colocado por Curtis (2008, p. 201), “indivíduos criativos foram surpreendidos com a incrível tarefa de formular uma arquitetura que deveria ‘expressar’ não tanto os valores de uma ordem existente, mas de uma que se sentia que *deveria* emergir das atitudes progressistas da revolução”.

Desse modo, é levantada entre os manuais a ideia da necessidade de se romper com a arquitetura do passado, já que esta representava costumes que precisavam ser transformados. Enquanto Curtis (2008) coloca que não foi difícil para a próxima geração ver a estética da velha ordem “como um retrato direto do que eles achavam ser um extinto sistema social” (idem, p.202), Kopp (1990) caracteriza o modo de vida pequeno burguês como: “mesquinho, individualista, fechado sobre si mesmo, preocupado antes de tudo com os aspectos materiais da existência” (idem, p.86).

Assim, em busca de uma revolução cultural, que colocasse em ação novos relacionamentos humanos no trabalho e na vida cotidiana (KOPP, 1990), os artistas experimentavam formas de expressão que transmitissem as mensagens revolucionárias. Kopp (1990), então, apresenta o conceito de “arte de esquerda” como todas as formas de arte que rompem com a tradição. Ainda segundo ele,

“A “arte de esquerda” é concebida por seus autores como um dos instrumentos da revolução, como um meio de transformar as relações entre os homens e, afinal, o próprio homem. Os artistas “de esquerda” e também alguns dirigentes da revolução pensam que a construção da “sociedade sem classes”, que é o objetivo final proclamado pela revolução, pode ser estimulada ou freada pelo quadro de vida em que se desenvolva essa sociedade. Os partidários da “arte de esquerda” acreditam apressar o surgimento dessa sociedade através de sua arte, de sua ação sobre o ambiente.” (KOPP, 1990, p.79)

Nesse cenário da “arte de esquerda”, dois grupos se destacam no campo da arquitetura: a ASNOVA (Associação dos Novos Arquitetos) e a OSA (União dos Arquitetos Contemporâneos), que surgiu de uma divisão da primeira. Apesar de se identificarem com os mesmos exemplos estrangeiros, com a modernidade da estética da máquina, os grupos se diferenciavam principalmente pela “atenção dispensada aos problemas sociais e políticos” (KOPP, 1990, p.75).

Sobre a ASNOVA, Curtis (2008) fala sobre a tendência de membros da associação de acreditarem na existência de uma linguagem subjacente das formas, de modo que seria tarefa da arquitetura cooptá-la a serviço dos temas vitais da revolução. O autor ainda cita que essa posição foi criticada por ser vista como embasada numa estética falsa, burguesa, “idealista”.

Se para Benévolo (2001) os arquitetos do grupo sistematizaram “os princípios teóricos do movimento de forma bastante genérica para não criar obstáculos às experiências concretas” (idem, p. 520), Kopp (1990) é enfático ao afirmar que eles reduziam “suas referências políticas ao mínimo abaixo do qual sua ação se tornaria suspeita ao contexto revolucionário da época” (idem, p. 75).

Segundo Kopp (1990, p. 75), a OSA, no entanto, “filiava-se explicitamente ao construtivismo e à transformação revolucionária da sociedade”. Moisei Ginzburg, líder da associação, no primeiro e último congresso realizado pelos construtivistas, define os objetivos buscados pelos arquitetos membros:

“Para os construtivistas o objetivo é a transformação radical dos antigos conceitos e exige do arquiteto uma clara tomada de posição (...), eles abordam o problema do objetivo levando em conta as diferenças, as mudanças que se produzem nos hábitos como resultado de nosso modo de vida e criam as premissas de uma habitação de tipo inteiramente novo. O objetivo para nós não é, portanto, a execução de uma demanda enquanto tal, mas o trabalho em comum com o proletariado, a participação nas tarefas de construção de uma vida nova, de um novo modo de vida.” (GINZBURG apud KOPP, 1990, p. 80)

Entre os manuais, Frampton (2008) é o que menos se aprofunda nas divergências ideológicas dos grupos. O autor, para explicar a fragmentação da ASNOVA, cita que, diante da tarefa de enfrentar a deficiência da moradia, “certos membros da geração mais nova de arquitetos acharam que não mais podiam condescender com as preocupações formalistas dos Vkhutemas⁷, ainda sob a influência de Ladovsky” (idem, p.209).

A oposição entre a ASNOVA e a OSA é citada por todos os autores estudados, mas a denominação dos grupos entre formalistas e construtivistas, respectivamente, e o significado dos termos ainda se mantém pouco definidos. Essa diferenciação se torna particularmente ambígua quando Benévolo (2001, p. 520) coloca que: “os arquitetos modernos, que provêm da experiência construtivista, organizam-se em uma associação, a ASNOVA”.

A diferença entre as expressões só vai ser trabalhada mais a fundo em Kopp (1990). O autor afirma, inclusive, que é a partir das tomadas de posições da OSA, de falar abertamente sobre a adesão aos objetivos sociais e políticos do regime soviético, que se diferenciam: “os que se proclamam construtivistas e os assim designados pelos historiadores da arquitetura” (idem, p.79).

É nesse sentido, de seguir os objetivos do Partido e do Estado, que os construtivistas se dedicam, por exemplo, a estudar a transformação completa da estrutura familiar. Tendo em vista que “ela não é apenas uma célula social mas também uma célula econômica, as transformações trazidas pelo socialismo deveriam condenar a família tradicional ao desaparecimento e a sua substituição por outras formas de relacionamento” (idem, p. 86). Essa temática representava um ponto importante para a arquitetura “na medida em que a residência constitui precisamente o espaço edificado para a família” (idem, p. 86).

Outra questão em relação aos construtivistas tratada nos manuais, se refere ao modo como eles pensavam juntamente com profissionais de outras áreas do conhecimento que poderiam “contribuir para a transformação social através da organização do espaço, considerada como um ‘condensador social’” (KOPP, 1990, p. 75).

⁷ Vkhutemas (Estudos Artísticos e Técnicos): instituto voltado para uma formação abrangente em arte, arquitetura e design (FRAMPTON, 2008)

Benévolo (2001) cita que os arquitetos da ASNOVA se comportavam mais como indivíduos independentes e que enfrentavam vários gêneros de trabalho e que, no entanto, chega um momento no qual o empenho individual permanece insuficiente para resolver os problemas mais interessantes da produção corrente da construção civil e do desenvolvimento urbano. Em contrapartida, os arquitetos que fundam a OSA possuíam justamente o objetivo de enfrentar coletiva e cientificamente esses problemas.

Nos textos de Frampton (2008) e Curtis (2008), as questões do enfrentamento de forma coletiva e científica são mais elucidadas. Frampton (2008) destaca que “pouco depois de sua fundação, a OSA começou a admitir membros provenientes de campos afins, como a sociologia e a engenharia” (idem, p. 209). O autor ainda afirma que desde o início havia uma tentativa de mudar o *modus operandi* do arquiteto, que devia se transformar em um novo tipo de profissional, alguém que era primeiro um sociólogo, em segundo lugar um político e, por último, um técnico (FRAMPTON, 2008).

Curtis (2008) também cita a importância científica, mas enquanto uma tendência dos funcionalistas, segundo os quais as novas formas seriam ditadas somente pela sociologia e pela técnica. Ainda segundo o autor, os arquitetos da OSA conseguiram que sua ideologia e arquitetura fossem guiadas entre esse extremo e o da tendência formalista.

No entanto, em relação a ideologia da OSA, Kopp (1990) a situa completamente distante dos demais grupos⁸, já que esta possuía um posicionamento político mais definido. Os construtivistas representariam, então, a verdadeira corrente da “arte de esquerda”, que entende que a arte deve ser um instrumento de transformação social (KOPP, 1990). Entre os manuais utilizados, além de Kopp (1990), Curtis (2008) e Hernández (2014) citam uma compreensão do papel da arquitetura como instrumento “para a construção do socialismo por meio da coletivização da vida” (CURTIS, 2008, p.208).

⁸ “Na URSS dos anos vinte as tendências arquitetônicas são inumeráveis, concretizando-se através de organizações que agrupam seus partidários, batizados na URSS como “Organizações Criadoras”. Alguns arquitetos foram membros do M.A.O., defendendo ideias próximas às que dominavam antes da revolução” (KOPP, 1990, p.75).

Segundo Kopp (1990), a vanguarda e alguns dirigentes da revolução pensavam que a “sociedade sem classes”, poderia ser estimulada ou freada pelo seu quadro de vida. Assim, os arquitetos da OSA acreditavam que eles poderiam “inventar” uma arquitetura que seria ao mesmo tempo a imagem da futura sociedade e o meio no qual esta nasceria e se desenvolveria. Assim, todo edifício ou conjunto arquitetônico deveria ser um “condensador social”, tendo em vista que,

“Como condensadores elétricos que transformam a natureza da corrente, os “condensadores sociais” propostos pelos arquitetos deveriam transformar o indivíduo egocêntrico da sociedade capitalista em um homem completo, o militante informado da sociedade socialista na qual os interesses de cada um se fundem com os interesses de todos.” (KOPP, 1970, p. 115, tradução nossa)⁹

Em relação aos condensadores, embora Kopp (1990) afirme que o termo foi criado pelos construtivistas, outros autores como Curtis (2008) e Frampton (2008) o apresentam ainda quando tratam dos formalistas da ASNOVA, indicando, assim, que o conceito já estava presente entre discussões anteriores da vanguarda soviética.

Frampton (2008), por exemplo, inicialmente afirma que

“o grupo Asnova buscava (...) criar novas formas de construção que pudessem satisfazer e expressar as condições do novo Estado socialista. Daí a preocupação com clubes para trabalhadores e centros de lazer destinados a funcionar como novos “condensadores sociais” (idem, p. 207).

Já em um trecho posterior, o autor coloca que “a OSA envolveu-se (sic) com a questão da ‘condensação social’ em muito maior escala, no nível do planejamento racional” (idem, p. 211). Assim, a escala ou o aprofundamento da discussão sobre a reconstrução do modo de vida podem ser razões para que os condensadores sociais sejam mais citados e detalhados quando os autores discorrem sobre a OSA.

Apesar dos condensadores serem comumente citados nos manuais, o seu conceito, por outro lado, não é aprofundado da mesma maneira. Em Curtis (2008), quando o termo aparece é colocado como: “condensadores’ sociais

⁹ Texto original: “*Like electrical condensers that transform the nature of current, the architects’ proposed “social condensers” were to turn the self-centered individual of capitalist society into a whole man, the informed militant of socialist society in which the interests of each merged with the interests of all.*”

(clubes, auditórios etc.)” (idem, p. 212). No entanto, não é indicado o porquê desses equipamentos – ou de outros não apontados – serem assim considerados.

Entre os manuais utilizados neste trabalho, Kopp (1990) é o único que explica que poderiam preencher essa função de “condensador social” todas as obras que levassem os usuários a se comportarem de maneira nova, que os obrigassem a romperem com seus hábitos e que introduzissem em sua prática cotidiana comportamentos livres de todo reflexo individualista (KOPP, 1990).

“Em suma, tratava-se de todos os equipamentos cuja utilização tinha por consequência a socialização das atividades até então individuais. Essa socialização tinha por objetivo imediato facilitar a vida cotidiana e libertar as mulheres dos trabalhos domésticos¹⁰. Mas além desses objetivos a curto prazo, visava-se a transformação completa da natureza humana e da vida em sociedade.” (KOPP, 1990, p. 98)

O autor, assim, exemplifica como potenciais condensadores sociais os equipamentos destinados à primeira infância, as lavanderias coletivas, os ateliês de reparação de roupas, os clubes operários, a fábrica (KOPP, 1990). Além desses, também as fábricas-cozinha, que tinham a função de “fabricar as refeições prontas destinadas a serem entregues nos locais de trabalho, a serem levadas para casa ou a serem consumidas no local” (KOPP, 1990, p. 95). Os arquitetos viam esse equipamento como um elo importante no processo de reconstrução do modo de vida.

Curtis (2008) explica que os arquitetos dedicaram suas mentes para atender todas as funções sociais da década de 1920, mas que também pensaram nas relações entre elas, no urbanismo e até na reorganização espacial da zona rural. No final dos anos de 1920, as pesquisas dos construtivistas já entendem a questão da “condensação social” em maior escala (FRAMPTON, 2008), de modo que, “os condensadores sociais’ devem ser enquadrados no ‘condensador geral’ que é a cidade” (BENÉVOLO, 2001, p. 524).

¹⁰ Kopp (1990) e Hernández (2014) citam a “liberação da mulher” como uma questão unânime entre os dirigentes. Kopp (1990) aponta que seu acesso ao trabalho assalariado implicava em pôr à disposição equipamentos destinados à infância, creches, escolinhas, etc., já que esses são meios “efetivamente capazes de emancipar as mulheres, efetivamente capazes de reduzir e suprimir sua desigualdade em relação aos homens devido ao seu papel na produção e na vida social” (LENIN apud HERNÁNDEZ, 2014, p. 179)

3. A IMPLEMENTAÇÃO DA CASA COMUNAL

Os manuais indicam que as condições e a insuficiência das moradias foram problemas enfrentados na URSS mesmo muitos anos após a Revolução russa.

Frampton (2008), por exemplo, coloca que

“nada tinha sido construído desde o início da Primeira Guerra Mundial, e o nível de deterioração das habitações anteriores à guerra refletiu-se nas atas do 13º Congresso do Partido, em 1924, no qual se reconhecia a construção de moradias como ‘a questão mais importante da vida material dos trabalhadores’”. (FRAMPTON, 2008, p. 208)

O tema das novas residências começa, então, a ser alvo de estudo dos construtivistas, que começam a pensar “uma forma de habitação, que segundo eles, seria a forma do futuro: ‘a Residência Comunitária’ (Dom Kommuna¹¹)” (KOPP, 1990, p. 98). Enquanto Frampton (2008) indica que essas pesquisas foram impulsionadas diante da tarefa de enfrentar a deficiência de moradias, Kopp (1990) explica que as pesquisas desses arquitetos se concentram na habitação na medida em que esta sempre fora o refúgio do individualismo e da família no sentido tradicional do termo.

Assim, “em 1926, a OSA começou a difundir esses pontos de vista em sua revista *Sovremennaya Arkhitektura* (SA, Arquitetura contemporânea), dedicada à incorporação de métodos científicos à prática arquitetônica” (FRAMPTON, 2008, p. 208). Entre os autores, Curtis (2008) é o único que não cita a criação da revista e se limita a afirmar que “a OSA devotava muito tempo ao estudo de habitações, considerando questões como a célula familiar funcional, os padrões mínimos comensurados com a produção em massa, e o significado dos diferentes espaços de acesso” (idem, p.209). Kopp (1990) e Frampton (2008) ainda apresentam alguns dos temas abordados pelo periódico. Em seu primeiro número, a revista proclamava: “A arquitetura contemporânea deve cristalizar o novo modo de vida socialista!” (KOPP, 1990, p. 79).

Além disso, Kopp (1990) conta que, em meados dos anos vinte, alguns conjuntos habitacionais foram construídos em algumas cidades da URSS. Essas

¹¹ Kopp traduz a *dom kommuna* como ‘residência comunitária’, mas em algumas legendas também se refere a ela como casa comunal. O termo ‘casa comunal’ também é utilizado por Hernández (2014). Frampton (2008) a chama de ‘moradia comunitária’ e Benévolo (2001) de ‘casa coletiva’. Curtis (2008) não apresenta a expressão.

realizações não foram objeto de nenhum estudo e reproduziam os modelos conhecidos de habitações, provocando assim o protesto dos construtivistas. Foi, então, a SA que “se encarrega de mostrar que isso não era apenas uma ideia de arquiteto, mas que, ao contrário, os trabalhadores compartilhavam dessa ideia” (KOPP, 1990, p. 91).

Apesar de dizer que era “provável que a imprensa desse maior atenção à palavra dos que se pronunciavam a favor do novo”, Kopp (1990, p. 92) afirma que

“Declarações (...) aparecem na imprensa cotidiana, nas publicações sindicais, no semanário dos estudantes (...). Todas se erguem contra o habitat tradicional, contra o apartamento unifamiliar, todas pedem, em nome dos usuários, um outro tipo de habitação; todas avançam duas reivindicações principais: locais de uso comum para repouso e descontração, e a supressão das cozinhas individuais e sua substituição por uma cozinha comum que prepare as refeições para toda a coletividade.”

Foi nesse contexto que, também através da SA, em 1927, os arquitetos lançaram uma indagação a propósito da forma adequada da nova moradia comunitária, de modo que, “as respostas recebidas foram usadas como base de uma competição fraternal que tentou desenvolver e refinar um novo protótipo de residência” (FRAMPTON, 2008, p. 209).

Essa competição não era o primeiro concurso para moradia proposto pela URSS em meados dos anos vinte. Hernández (2014) – que se aprofunda nessa discussão – cita que a convocatória do “Primeiro concurso para habitação de trabalhadores”, em 1925, anunciava que a planta do edifício deveria animar o operário a mudar seu modo de vida, sem incitar ao luxo ou gastos supérfluos na vida doméstica. Numa segunda edição, no final do mesmo ano, o enunciado “falava pela primeira vez da ‘casa comunal’, com serviços coletivos de cozinha, sala de jantar, lavanderia, locais de lazer e culturais, jardim de infância, etc.” (HERNÁNDEZ, 2014, p.180, tradução nossa)¹²

O concurso proposto pela OSA, com o tema da “Nova residência”, além de citado por Frampton (2008), é colocado por Hernández (2014) como um dos mais importantes do período. Segundo o autor, “em quase todas as soluções se aprecia uma dissolução gradual da família tradicional, ainda que as residências

¹² Texto original: “se hablaba por primera vez de ‘casa comuna’, con servicios colectivos de cocina, comedor, lavandería, locales de ocio y culturales, jardín de infancia, etcétera”.

apareçam funcionalmente completas, suficientemente dimensionadas e dotadas de intimidade” (idem, p. 180).

Benévolo (2001) resume as propostas dos arquitetos como: “oito projetos que exploram uma ampla gama de soluções não usuais, alojamentos com ambientes de várias alturas e em vários níveis, desvinculados de varandas e ruas internas” (idem, 521) e Frampton (2008) como: “a maioria dos participantes conferia uma importância operacional e simbólica a um corredor interno de carga dupla, um volume formado pelo encadeamento de apartamentos dúplex que subiam e desciam” (idem, p. 209). (Ver figuras 1 e 2)

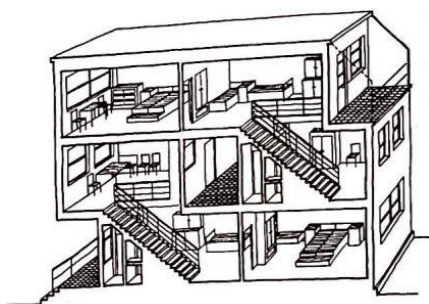


Figura 1: Proposta de Andréi OI, Konstantín Ivánov e Anatoli Ladinsky para o Concurso da “Nova residência” convocado pela OSA.
Fonte: Hernández, 2014.

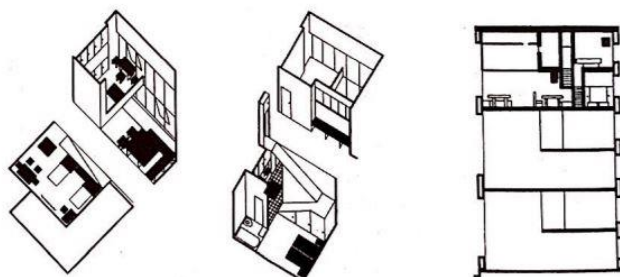


Figura 2: Proposta de Moisei Ginzburg para o Concurso da “Nova residência”.
Fonte: Hernández, 2014.

Essa atividade fez com que, em 1928, o Stroikom (Comitê de Construções Estatais) instituísse uma seção de estudos e pesquisas, sob a coordenação de Ginzburg e participação de uma série de arquitetos da OSA. O grupo se dedicaria, segundo Benévolo (2001), a desenvolver sistematicamente as propostas das novas residências; de acordo com Frampton (2008), ainda se dedicariam à estandardização da moradia; e, segundo Hernández (2014), a “tipificação e padronização de habitações em edifícios coletivos, a partir de

unidades compostas por blocos lineares dotados de um conjunto de equipamentos comuns” (idem, p. 182). (Ver figura 3)

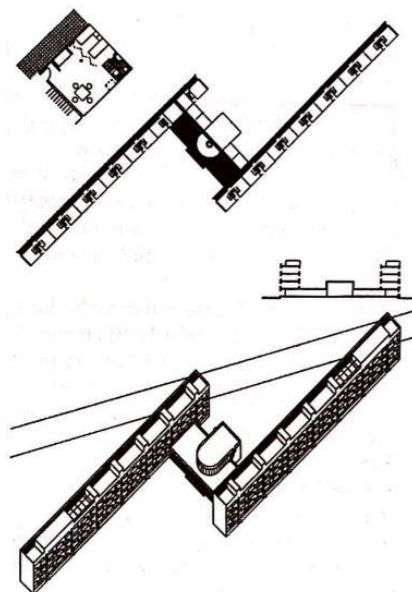


Figura 3: Proposta das residências Stroikom de Ginzburg e outros, 1928.
Fonte Hernández, 2014.

Assim, os trabalhos do grupo têm como resultados uma série de unidades, chamadas por Frampton (2008) de unidades Stroikom, que representam as organizações dos blocos e são denominadas com as primeiras letras do abecedário (HERNÁNDEZ, 2014). Hernández (2014) explica que eram chamadas A e B os casos em que existiam duas habitações por cada escada e piso; C, D, E e F para as moradias geminadas e interligadas por toda uma variedade de acessos horizontais (idem). Apesar da célula F ter sido adotada no Narkomfin, exemplo mais conhecido das edificações resultantes dessas investigações, essa diferença de denominação não é explicada entre os manuais.

Assim, como laboratório de pesquisas sociais (CURTIS, 2008), o Edifício Narkomfin foi construído em Moscou, entre 1928 e 1930, para os funcionários do Comissariado do Povo para as Finanças. Projetado por Ginzburg e Milinis, “o conceito marcou uma transição entre o edifício de apartamentos privativos, e um novo tipo de moradia comum, no qual algumas áreas eram compartilhadas, e no qual um equilíbrio criterioso era pretendido entre o individual, o familiar e o grupo social maior” (idem, p.209). (Ver figura 4)



Figura 4: Edifício Narkomfin, arquitetos Moisei Ginzburg e Ignati Milinis, Moscou, 1928-30.

Fonte: Curtis, 2008.

O projeto incorporou uma variedade de células de tipo F e K. Sobre as unidades de tipo F, Kopp (1990) as retrata como “destinadas a famílias com poucos membros ou a casais sem filhos (...) comportava apenas uma kitchinete em um nicho” (idem, p. 98) e Curtis (2008) as resume como “unidade mínima para uma família” (idem, 2008). É Hernández (2014) que se dedica a explicar que,

“no tipo F, o mais influente e inovador de todos, o corredor a meia altura cumpre o seu papel de lugar de relacionamento e dá acesso, subindo ou descendo alguns degraus, a duas casas que acomodam o espaço do dormitório (com menor altura livre) acima e abaixo do referido corredor. Graças a um estudo rigoroso do que chamaram de 'coeficiente econômico' (a relação entre a superfície útil e o volume construído), esses arquitetos passaram a recomendar um espaço de 27 metros quadrados (3 pessoas x 9 metros quadrados), com uma versão aprimorada que chega a 30 metros quadrados por casa.” (HERNÁNDEZ, 2014, p. 184, tradução nossa)¹³

Já sobre as unidades de tipo K, Kopp (1990) e Curtis (2008) coincidem ao dizer que são células “compostas de 3 cômodos em dois andares” (KOPP, 1990, p. 98) ou “com três dormitórios em dois níveis” (CURTIS, 2008, p. 209), enquanto Hernández as descreve como “um duplex com a cozinha e uma sala de estar,

¹³ Texto original: “En el tipo F, el más influyente e innovador de todos, el corredor situado a media altura cumple su cometido como lugar de relación y da acceso, subiendo o bajando unos peldaños, a dos viviendas que acomodan el espacio de dormitorios (con menor altura libre) sobre y bajo dicho pasillo. Gracias a un estricto estudio de lo que llamaban el 'coeficiente económico' (la relación entre la superficie útil y el volumen construido), estos arquitectos llegaron a recomendar una superficie habitable de 27 metros cuadrados (3 personas x 9 metros cuadrados), con una versión mejorada que llega a los 30 metros cuadrados por vivienda”.

incluindo sala de jantar, no piso inferior, e dois quartos com um banheiro no piso superior, que se comunica pelo vazio de pé direito duplo com a sala de estar” (HERNÁNDEZ, 2014, p. 184, tradução nossa)¹⁴.

Vale ressaltar que, apesar de serem mencionadas nos textos, a ideação das células de tipo K ou o que sua nomenclatura representa não são desenvolvidas pelos manuais, nem mesmo por Hernández (2014) que explica a relação das células de A a F com a circulação vertical do edifício. Apenas as de tipo F, ao ser citada como parte do Narkomfin, são descritas como “elaboradas pelo “Stroikom”” (KOPP, 1990, p.98).

Entre os autores utilizados, somente Hernández (2014) e Curtis (2008) descrevem a composição entre unidades e pisos do edifício, Kopp (1990) apenas cita as duas células incorporadas e Benévolo (2001), apenas a célula F. Para além da falta de explicação mais aprofundada sobre as soluções utilizadas pelos arquitetos, entre autores que citam as unidades (Hernández, Curtis, Kopp e Benévolo), o livro de Kopp (1990) não possui imagem das células e Curtis (2008) não apresenta as seções e plantas do apartamento de tipo K. (Ver figuras 5, 6 e 7)

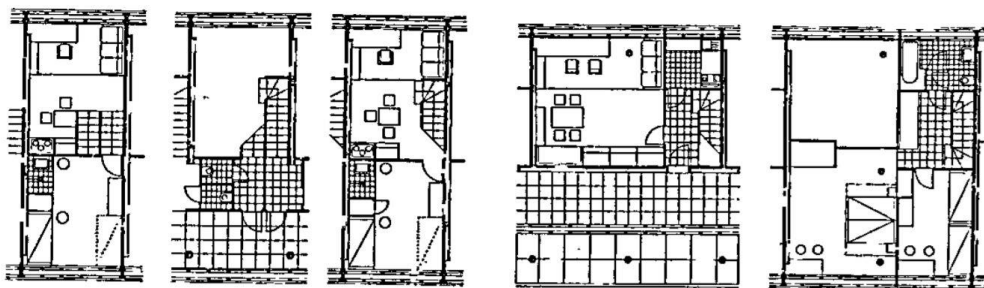


Figura 5: Plantas do apartamento de tipo F e K apresentadas por Benévolo (2001).
Fonte: Benévolo, 2001.

¹⁴ Texto original: “un dúplex com la cocina y una sala de estar, con comedor incluido, en la planta baja, y dos dormitorios con baño en la planta alta, que comunica a través del vacío de la doble altura con el estar”.

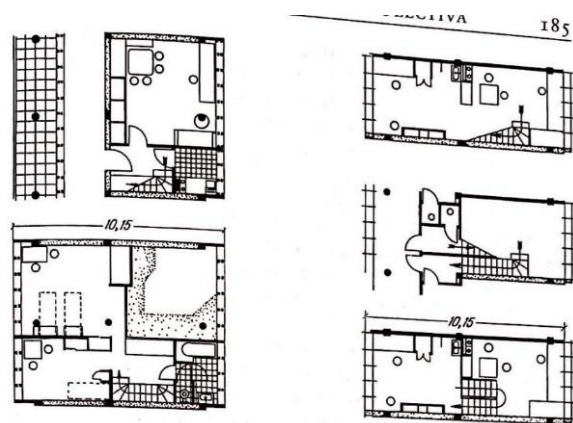


Figura 6: Plantas do apartamento de tipo F e K apresentadas por Hernández (2014).
 Fonte: Hernández, 2014.

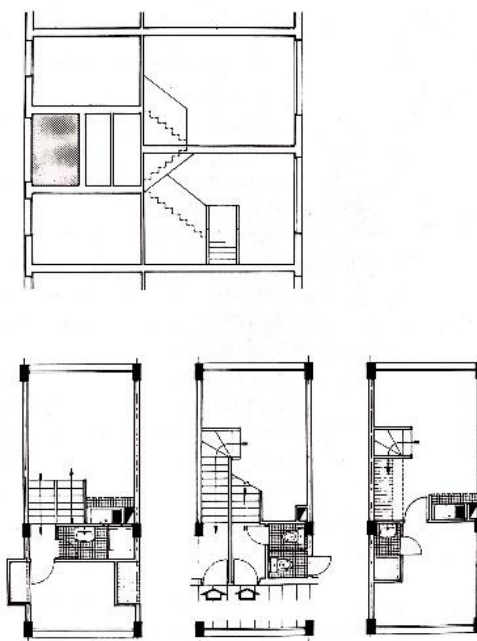


Figura 7: Plantas e seções do apartamento de tipo F apresentadas por Curtis (2008).
 Fonte: Curtis, 2008.

Entretanto, sobre o edifício como todo, os manuais ainda apresentam mais imagens e também mais explicações. As unidades são combinadas e dispostas por tipo em cada pavimento, de modo que, “o sistema 3:2¹⁵ permitia que os deques passassem ao longo de todo o comprimento do edifício a cada nível, e que os apartamentos fossem compostos por peças recortadas e encaixadas” (CURTIS, 2008, p. 209). No primeiro andar, um corredor dá acesso às

¹⁵ Referente aos níveis dos apartamentos do tipo F e K: os três níveis que compunham o arranjo de apartamentos do tipo F ficavam dispostos sobre os dois níveis do apartamento de tipo K.

habitações padrão do tipo K, e outro corredor no quarto andar leva às casas do tipo F. (HERNÁNDEZ, 2014). (Ver figura 8)

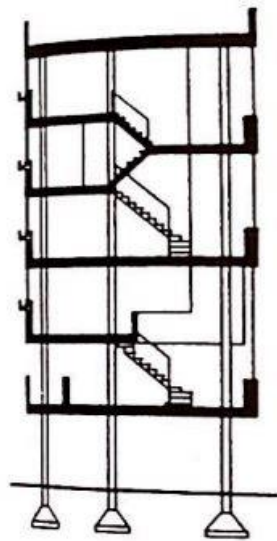


Figura 8: Corte do bloco residencial do Edifício Narkomfin.
Fonte: Hernández, 2014.

Sobre essa circulação entre os pavimentos, Frampton (2008) e Curtis (2008) dão o nome de “deques externos” porque, segundo Curtis (idem), representavam mais do que meros corredores de acessos funcionais: eram aquecidos para estimular uma interação durante todo o ano, assim, podiam ser vistos como elementos simbólicos de aspirações comuns (CURTIS, 2008). Os deques conectavam o bloco longitudinal de apartamentos ao bloco de serviços coletivos, colocado transversalmente (HERNÁNDEZ, 2014). (Ver figura 9)

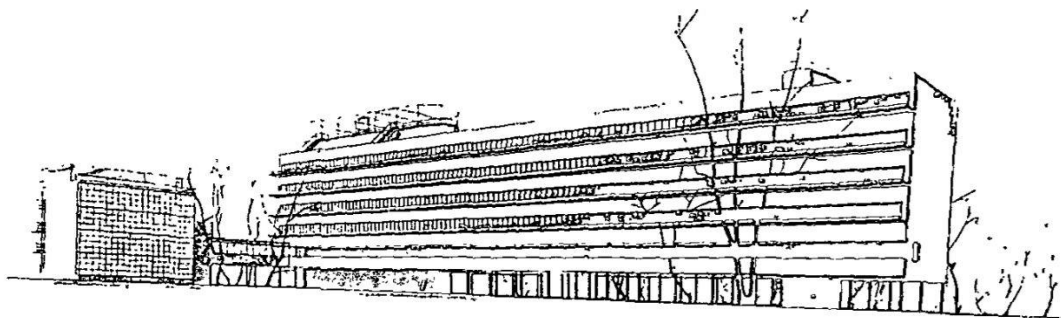


Figura 9: Vista externa do Edifício Narkomfin.
Fonte: Benévolo, 2001.

O bloco adjunto é comumente citado entre os manuais, tendo em vista sua finalidade de “incitar a coletivização do modo de vida” (KOPP, 1990, p.98). Nele, eram colocados à disposição dos habitantes, os equipamentos de “cozinha e sala de jantar coletivas, lavanderia, serviço de limpeza dos alojamentos, jardim

da infância, ginásio esportivo, biblioteca e sala destinadas ao “trabalho intelectual”, sala de jantar de verão sobre o telhado, etc.” (idem, p.99)

No entanto, apesar do intuito de coletivização, Frampton (2008) afirma que “Ginzburg não perdeu a aguda consciência de que essa coletividade implícita não podia ser imposta aos moradores somente através da forma construída” (idem, p. 210). O Edifício Narkomfin, como uma habitação de “tipo transitório” deveria, segundo Kopp (1990), “incitar à vida coletiva sem entretanto tornar esse modo de vida obrigatório. Ele era concebido como um instrumento de educação e de preparação para a vida coletiva do futuro. (idem, p. 98)

“Não podemos mais forçar os ocupantes de uma construção específica a viver em coletividade, como tentamos fazer no passado, em geral com resultados negativos. Devemos oferecer a possibilidade de uma transição gradual e natural para o uso comunitário de certas áreas diferentes. Esse é o motivo pelo qual tentamos manter cada unidade isolada da subsequente, é por isso que julgamos necessário projetar o espaço da cozinha como um elemento padrão de tamanho mínimo, que pudesse ser retirado do apartamento de modo a permitir a introdução do sistema de cantinas comunitárias a qualquer momento. Para nós, é absolutamente necessário incorporar certas características que possam estimular a transição para um modo de vida socialmente superior – estimular, mas não ditar.” (GINZBURG apud FRAMPTON, 2008, p. 210)

Além do Edifício Narkomfin, segundo Kopp (1990), outros exemplos da casa comunal foram construídos. Kopp (1990) apenas apresenta uma imagem com legenda sobre a “Casa-Comunal” no bulevar Gogol”. É Benévolo (2001) o único entre os autores que cita em seu texto a execução da outra residência comunitária: projetada “por Lissagor, no número 8 da rua Gógol, em Moscou” (idem, p. 521). (Ver figura 10) Entretanto, Kopp (1990) e Benévolo (2001) convergem suas falas ao dizer que “muito mais numerosos são os projetos não realizados” (idem, p. 521), sendo “alguns moderados quanto à coletivização do modo de vida, outros mais radicais, mas todos fundados em um programa constituído pelos mesmos elementos: uma ‘cabine’ para o sono, (...) um local na sala de estudos para ‘o trabalho com o livro’” (KOPP, 1990, p. 99).



Figura 10: “Casa-Comunal”, no bulevar Gogol em Moscou, 1928/1929.

Fonte: Kopp, 1990.

Kopp (1990) em uma das legendas das imagens do Narkomfin, coloca que o edifício era um exemplo “moderado” do novo tipo de “organismo arquitetural” que era a “Casa Comunal”. Para além dessa citação, o autor não apresenta quais projetos representariam sua versão mais radical.

Hernández (2014), no entanto, ao afirmar que um resumo de todas as propostas apresentadas – inclusive o Narkomfin – seria a *dom-kommuna*, a define como um

“tipo específico de agrupamento idealizado por Leonid Sabsovich, membro do Conselho Econômico Soviético, como uma comunidade urbana concentrada que incluía, além de habitação, salas de reuniões, clube, salas de estudo, teatro, cinema, instalações sanitárias, ginásio, etc. bem como os escritórios administrativos e o soviete local”¹⁶ (HERNÁNDEZ, 2014, p. 186, tradução nossa)

O autor ainda cita como exemplo dessa arquitetura o protótipo da Casa Comunal de Stroikom, projetada em 1929 por Barshch e Vladímirov, com capacidade para 1000 adultos e 680 crianças. As casas comuns idealizadas no centro de estudos do Stroikom também são citadas por Benévolo (2001), que as define como “estruturas novas que transformam o organismo urbano e valem como novos elementos repetíveis, mas complexos” (idem, p. 524). O autor ainda menciona que alguns dos projetos, entre eles “a casa teórica estudada por Barch e

¹⁶ Texto original: “Tipo específico de agrupación ideado por Leonid Sabsovich, membro del Consejo Económico Soviético, como una comunidad urbana concentrada que incluía, además de las viviendas, salones de relación, un club, salas de estudio, teatro, cine, instalaciones sanitarias, gimnasio, etcétera, así como la oficinas de administración y del sóviet local”.

Vladimirov” (idem, p.524) são complexos urbanísticos, que exigem um processo de montagem em escala superior à que produziria uma cidade totalmente nova.

Apesar desses projetos serem tratados por Hernández (2014) e Benévolo (2001) também como casas comunais, Frampton (2008) apresenta uma diferença de nomenclatura entre o que seria a *dom kommuna* e a *supercomuna*. O autor se refere a *supercomuna*, ou *kombinats*, como os projetos “que na época estavam sendo propostos pelo principal teórico da urbanização, L. Sabsovich” (idem, p. 211).

Sobre outras propostas de *supercomunais*, Hernández (2014) diz que os projetos “substituíram cada vez mais o espaço privado pelo público, até que quase todas as atividades domésticas familiares desapareceram ou se tornaram definitivamente coletivas”¹⁷ (idem, p. 186, tradução nossa). Para Kopp (1990, p. 100), “a complexidade dos programas das “residências comunitárias”, sua diferença radical em relação às formas tradicionais de habitação, incontestavelmente estimularam a imaginação dos arquitetos construtivistas”.

Até que, em 1930, “o Comitê Central do Partido Comunista decidiu esquecer esses ‘projetos fantasiosos e individualistas – assim os chamava’”¹⁸ (HERNÁNDEZ, 2014, p. 1870, tradução nossa). Benévolo (2001) ainda trata sobre o posicionamento dos dirigentes através da fala de Lubetkin:

“A execução precipitada de semelhantes esquemas utópicos e doutrinários, que não levam absolutamente em conta os recursos materiais de nosso país e os limites até onde a população, com seus hábitos e preferências preexistentes, pode estar preparada para ela, poderia facilmente produzir perdas substanciais e mesmo desacreditar os princípios fundamentais da reconstrução socialista da sociedade. Os arquitetos devem evitar o perigo de serem dominados pela fantasia, para que uma solução adequada do problema possa vir de um arquiteto que compreenda a vida e as condições das massas” (LUBETKIN apud BENÉVOLO, 2001, p. 526).

Essa perda de credibilidade junto às autoridades é citada por todos os manuais. Segundo Frampton (2008), “as comunais supercoletivas caíram em descrédito, não só por sua falta de aceitação social, mas também porque sua escala maciça

¹⁷ Texto original: “*En sucesivas propuestas, los proyectos para las casa comuna fueron sustituyendo cada vez más el espacio privado por el público, hasta que casi todas las actividades familiares domésticas desaparecían o se volvían definitivamente colectivas*”.

¹⁸ Texto original: “*el Comité Central del Partido Comunista decidió olvidar esos ‘proyectos fantasiosos e individualistas’ – así los llamaba*”.

acarretaria o uso de uma tecnologia sofisticada e dos poucos recursos materiais” (idem, p. 211). Os recursos foram então concentrados na industrialização do país e na construção de habitações convencionais. A deficiência de moradia obrigava a uma urgente construção de alojamentos e já não se podia ‘perder tempo’ em processos intermediários de investigação (HERNÁNDEZ, 2014). Para Kopp (1990), entretanto,

“O fracasso não é arquitetônico. Se a imensa maioria dos projetos de ‘residências comunitárias’ ficaram no papel, a falha não é dos autores dos projetos. A arquitetura sozinha nunca pôde (nem pretendeu) transformar a sociedade ou construir essa ‘vida nova’ da qual tanto se falou na década de vinte. Se a vida anterior triunfa sobre as tentativas da ‘vida nova’ sem dúvida é porque as condições políticas e sociais necessárias não estavam reunidas. Sem dúvida é também (...) porque o Partido e o Estado mudaram de objetivo e a “reconstrução do modo de vida” deixou de estar na ordem do dia” (idem, p. 100).

CONCLUSÃO

Ao realizar a pesquisa de como a historiografia aborda a arquitetura soviética, torna-se perceptível a frequente associação feita entre a produção oriental e ocidental da década de 1920. Le Corbusier, em especial, é citado por todos os autores utilizados neste trabalho. Curtis (2008), por exemplo, afirma que se pode dizer “sem exagerar, que sem Le Corbusier os arquitetos soviéticos do fim da década de 1920 teriam tido uma ideia muito menos clara de como traduzir suas visões em formas e em realidades tridimensionais” (idem, p. 210).

Também é frequente entre os textos serem apresentadas críticas e incoerências sobre os arquitetos soviéticos. Hernández (2014), por exemplo, apresenta uma contradição levantada por Barbara Kreis: a revista SA insistia na necessidade de aplicar a linguagem e técnica da modernidade à nova arquitetura e para isso rejeitou os tipos e formas da arquitetura burguesa; mas, ao mesmo tempo, elogiou a arquitetura de Corbusier e publicou seus trabalhos mais conhecidos. Assim, a arquitetura moderna estava condenada a representar com igual eficácia a vida socialista e a vida burguesa?

Essa já era uma crítica feita pelos próprios líderes do partido bolchevique no final da década de 1920. Curtis (2008, p. 214) diz que “é irônico que os produtos do movimento moderno soviético tenham sido acusados de formalismo burguês quase que exatamente ao mesmo tempo em que os produtos do movimento moderno alemão eram expostos ao ridículo como sendo ‘bolcheviques’”.

Algumas dessas questões são rebatidas por Ginzburg (apud Kopp, 1990, p. 110) na seguinte afirmação:

“na medida em que nosso trabalho consiste em criar formas materiais concretas, não ignoramos o problema da forma: nós o tratamos através da realização do objetivo social. A forma continua sendo para nós uma desconhecida, constantemente redefinida pelo objetivo revolucionário”.

Sobre isso, Kopp (1990, p. 91) também afirma que “a contribuição dos construtivistas não foi o ‘método funcional’ nem o discurso sobre a racionalização da criação arquitetônica. É a integração dos problemas sociais à arquitetura e ao urbanismo que constitui sua principal originalidade”.

De fato, estando inseridos num contexto ocidental, no qual a arquitetura liberal predomina, estudar a arquitetura soviética e perceber como os valores

revolucionários foram traduzidos no espaço, a tornam singular. Desse modo, a pesquisa conseguiu alcançar seu objetivo de compreender também as discussões e produções soviéticas dos anos vinte a trinta, a partir da narrativa de várias referências. Além disso, espera-se que o trabalho também provoque seus leitores e os façam repensar como a arquitetura pode ser utilizada enquanto um instrumento de transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2001.

CURTIS, William J.R.. **Arquitetura moderna desde 1900**. Porto Alegre, Bookman, 3ª edição, 2008.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2ª edição, 2008.

HERNÁNDEZ, Manuel Martín. **La casa en la arquitectura moderna: respuestas a la cuestión de la vivienda**. Barcelona: Reverté, 1ª edição, 2014.

KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. Livraria Nobel, 1990.

KOPP, Anatole. **Town and Revolution: Soviet architecture and city planning, 1917-1935**. New York, G. Braziller, 1970.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. Tradução Denise Bottmann, Frederico Carotti; prefácio Rodrigo Naves. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.